



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:  
*Alcides Amorim*  
PAPIM

**O SECULO**

Director artistico:  
*Manuel de Almeida*  
PAPUSSE

# CRIADO ESPERTO

— DUMA ANEDÓTA —



O Marquês de Marival,  
Fidalgo de alta linhagem,  
Tinha em casa um serviçal  
Modelo da criadagem.



Não tendo fósforos em casa,  
Pelo servo os mandou vir;  
Pois nem a mais leve brasa  
Ou chamazinha a luzir,



— (Porque a caixa se molhou) —  
Dos que tinha conseguia;  
Por isso recomendou:  
— «Tu vais à tabacaria...!»



«E pedes lá que te vendam  
Fósforos bons, de bom fogo;  
«Mas dos bons, dos que se acendam  
«E que não se apaguem logo!»



Da melhor tabacaria,  
Volta o criado da Baixa;  
Mas nem um só acendia  
Por mais que riscasse a caixa!



Que eram bons, isso é que eu sei!  
(Entretanto o servo exclama.)  
Pois todos exp'rimentei  
E todos faziam chama!



# A MOIRA E O CÍSNE

POR PEDRO DE MENEZES

Desenhos de Eduardo Malta

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

— «Filha, — dizia o velho moiro — a água do lago tem também feitiço. Ninguém consegue mergulhar nela, ao de leve sequer, as mãos ou os dedos. Que tencionas fazer, portanto?»

— «Pai, todos os que vieram para alcançar a minha mão eram homens poderosos, ricos, de grande inteligência. Nenhum o destino indicou para meu companheiro. Que venham aqueles que nada são, que nada valem, que nada mais possuem do que a alma, o coração e o corpo».

— «Endoideceste?»

— «Ou assim, ou jámais me vereis junto de ti».

E depois duma pausa:

— «O cavaleiro também se sujeitou à prova?» — perguntou ela.

— «Não, nunca mais o vi».

O pai desgostoso com a original decisão da filha, saiu cabisbaixo.

Em determinada noite vieram todos os homens dos arredores, todos, sem exceção.

Já todos tinham tentado humedecer os dedos na água misteriosa do lago, já todos tinham retirado assombrados e aborrecidos, quando chegou um pastor ainda novo, em cujos olhos havia uma infinita ternura e uma vaga sombra de tristeza. Vinha devagar, com receio, olhos fitos no castelo, alheado do que à sua volta se passava.

Um anel de ferro abraçava-lhe um dos dedos. Na mão, um cajado. Ao ombro, um pequeno alforje, dentro do qual se encontrava uma flauta. Aproximou-se do lago. E, tranquilo, sereno, como se em seu redor nada mais houvesse do que a campina onde apascentavam as suas ovelhas, mergulhou vagarosamente nas águas enfeitadas as suas rudes mãos e nelas as demorou. Um longo cortejo de turbantes se moveu admirado. Todos os moiros partiram, contendo, espantados, o que tinham visto. O pastor demorava no lago as mãos, como se as tivesse banhado num vulgar tanque, à beira dum caminho.

O velho moiro acercou-se e perguntou-lhe:

— «Quem és e donde vens?»

— «Sou um pastor que acompanha os rebanhos ao cimo daquela serra. Ouvi dizer que vossa filha casaria com o homem que nestas águas embruxadas mergulhasse demoradamente os dedos e as mãos. Oiço-a todas as noites tanger a sua harpa melodiosa e bela. Acostumei-me a querer-lhe mais do que à minha alma. Adoro-a».

Por ela que nunca vi, que não conheço mas que deve ser linda como nenhuma outra, eu entregaria a vida.»

O velho, disse então:

— «Vais vê-la. Espera.»

Afastou-se em direcção ao palácio. O pastor ficou só. No lago, apenas um cisne negro, suavemente, cortava a superfície serena das águas. O pastor olhou em redor e viu com assombro um homem que, vestido com riqueza, se lhe dirigia, com os olhos faiscantes de cólera, as feições transtornadas, a mão direita crispada no punho duma adaga que trazia numa bainha bordada no seu cinto de couro vermelho.

— «Parte ou juro-te que morrerás!» — lhe disse. — «Quem te deu de novo a vida? Quem te arrancou do peito o fuso mágico com que te ferí? Ela será minha, pois sou um cavaleiro e não tua, porque não passas dum reles pastor de gado».

E ameaçando-o sempre, acercou-se mais ainda do feliz vencedor da difícil prova proposta pela moira encantada.

— «Senhor — respondeu o pastor — ela que venha e que escolha. Se a vós quizer mais do que a mim, retirar-me-hei satisfeito e feliz. Se eu for o escolhido, nada mais tereis a fazer aqui».

— «Seja, — concordou o cavaleiro.

Momentos depois chegava o velho moiro com a filha.

— «Escolho o pastor, meu pai. E' ele quem todas as noites responde com o som da sua flauta ao som da minha harpa enfeitada».

E abraçou-o.

— «Vingar-me-hei!» — rugiu o cavaleiro. Recuou um pouco, encostando-se a uma das árvores do parque. Súbito a árvore transformou-se em gigante; o ramo sob o qual o cavaleiro se abrigou, em braço. Este descendo rapidamente sobre a cabeça do regeitado, derrubou-o. Novamente a árvore voltou à sua antiga forma. O cavaleiro estava morto.

Tempo depois passeava, de mãos dadas pelo parque o antigo pastor e a sua noiva. Casaram havia meses. Volitava em redor delas uma linda e branca borboleta. Seguia-os o cisne negro.

# COM O QUE ROSINHA SONHO

À MENINA FANTINA LAVOS

Por DULCIDIO DA CUNHA

Desenhos de EDUARDO MALTA



AMÃ: ensina-me a rezar? Gostava tanto de saber!... Quero a Deus rogar um alívio quando sofrer...

— Pois sim, filha, eu vou-te ensinar. Olha: vem-te aqui

sentar muito juntinha a mim e encosta a cabeça ao meu peito; assim. E agora, filha do meu coração, ouve com muita atenção:

«Padre nosso que estais no Céu infindo, santificado seja o vosso nome lindo! Venha a nós o vosso reino celestial, reino bemdito, reino ideal e seja feita a vossa divina vontade, sempre boa e cheia de caridade, assim na terra como no Céu, Senhor, e em toda a parte onde esteja o pecador. O pão nosso de cada dia nos dá hoje e é quanto basta; pois se a vida nos foge?! Perdoai-nos, Senhor, as nossas dúvidas, que bem grandes são, assim como nós perdoamos aos nossos devedores, almas gémeas das nossas, almas de pecadores. Não nos deixeis, Senhor, cair na tentação do Demónio que nos envenena o coração e livrai-nos, Senhor, pregado nessa cruz, de todo o mal. Amen, Jesus.»

— Filha: ouviste-me rezar?

— Ouvi, sim; eu estive a escutar e gostei muito de ouvir. Mas sabe? Fez-me vontade de dormir. Com uma reza tão linda, parece que a alma nos adormece embebida numa doçura tal,



que nos faz lembrar de Jesus na noite de Natal.

— O rezar só faz bem, só; mas como tens sonito, vai fazer o teu ó-ó.

Vou sim, querida Mamã; tome lá um beijo e até amanhã...

E a gentil Rosinha deitando-se na caminha com o rosto contornado de pretos cabelos, fechou os olhitos belos e, imaginando-se um anjinho dos Céus, adormeceu e sonhou... sonhou com Deus.

## Continuação do conto « A MOIRA E O CÍSNE »

— Para que a nossa felicidade seja completa, é necessário dar forma a minha mãe, esta triste borboleta que nos acarinhá e guarda.

O cisne disse-lhes:

— «Nada mais fácil. O guomo que me acompanhe e dentro de pouco tudo se resolverá.»

Momentos depois o velho anão cavalgando o cisne, partia em louco vôo pelo espaço.

— «E' necessário — disse o cisne — que a borboleta poise nesta árvore que plantamos e que, fomos buscar a um jardim dum país que existe muito longe. Logo que tal suceda, terá terminado o seu encanto.»

E assim foi. A borboleta esvoaçando sempre, foi poisar no árvore maravilhosa e transformou-se imediatamente numa linda mulher que abraçou cheia de alegria a filha querida.

Naquele palácio, diziam, a felicidade depois era completa. Contam que o antigo pastor morreu muito velhinho, num dia em que perdeu, por descuido, o enigmático anel de ferro que lhe abraçava um dos dedos.

Quando regressaram, o anão conduzia uma pequena árvore que plantou junto do lago.





Honestíssima, apoquentou-se imenso. Não lograria descansar enquanto não deparasse com o brilhante.

Deitou à pressa os filhos, e de candeia acesa toda a santa noite, remecheu, desarrumando e arrumando a cómoda.

A fadiga exaurira-a. Pelas proximidades, galos cantavam já e, vencida pelo sono, adormeceu pesadamente.

De guarda à casa, o «Salóio» todo êle era ouvidos.

Sentiu bulha. Arrebitando as orelhas acercou-se da porta que encontrou cerrada.

Rondou a habitação e, deparando com uma janela encostada, saltou para dentro.

Sôbre a cómoda, três ratos lutavam furiosamente. Por um triz que o candieiro não caiu dali abaixo.

Chiavam, devido às arranhaduras dos rivais; todavia a briga continuou, até que o mais ágil se esgueirou por um buraco, levando no focinho qualquer coisa que scintilava como as estrelas.

O rafeiro disse mal às suas precauções.

Não atinava com tudo aquilo!

—Ainda se fosse um osso?—

pensava êle.

Desalentado, atravessou o quintalório e perdeu-se pelo tragal.

Deitou-se ao sol, piscou, sonolentemente, os olhos, comendo dois moscardos que lhe passaram rés-vez à cabeça. Entretanto, notou uma núvem de insectos que se aproximava.

Espessos carreiros de formigas, palmilhavam a seu lado, e, êste cortejo, singular, encaminhava-se para uma clareira, que certa palha de trigo, ali desenhava.

Uma sebe de marmeleiros serviu-lhe de esconderijo e já o seu fardo lhe dera sinal da presença do rato.

Jazia morto, em consequência das feridas, e um grupo de grilhos, deparando com o objecto que faiscava como o sol, passara palra a todos os insectos que por êstes lados viviam, para depressa virem admirar a maravilha.

Ora entre êstes bichinhos, existia um ralo, que se julgava grande sábio, e tão vaidoso era que a todos apelidava de ignorantes, desprezando-os altivamente.

Também êle accorrera do seu buraquinho, e, orgulhoso, perorou:

—Sempre são muito estúpidos os senhores grilos! Então não repararam que o sol diminuirá, que havia menos luz?

—(Pudera; se era quasi sol-posto!)—

A bicharada não ousou contestar e como era um sábio que falava concordou imediatamente.

—«Pois claro! Isto é um pedacinho do sol!» Continuou o parlapatão.

Ao ouvirem isto, as abelhas e os bezouros resolveram proclamar uma assembléia, onde o ralo fôsse o senhor presidente afim de se estudar o caso *scientificamente*...

Logo as cigarras, envolvendo-se em suas togas negras, fo-

ram nomeados advogados, cinquenta gafannotos instalaram-se pelos cantos como lacaios, e vinte formigões asseguraram preencher o papel de escrivões.

Resolveu-se presentear com o pedacinho solar o insecto que depois de duas horas de reflexão, apresentasse a descoberta mais palpitante. O brilhante foi guardado num formigueiro proximo.

Que de infinitas precauções ao transportá-lo!

Um pedaço de sol! Que riqueza! Que esplêndido Tesouro!

Jamais as chuvadas e as neves assustariam as pobres ásinhas deligentes!

La estaria o raiozinho bemdito para as enxugar, e des- senregelar!

Para o possuidor de tão poderoso objecto iria o mais fino mel e o melhor grão!

Poderiam escassear os mantimentos nos favos e nos celeiros mas para o rei-do-sol nada faltaria!

Calcule-se, portanto, como aquelas microscópicas abelhinhas puxariam pelos miotos, à cata duma invenção assombrosa! Angariar o pedacinho do sol!...

O Salóio ria às bandeiras despregadas!

Nunca em sua vida presenciara coisa mais cómica!

Porém as duas horas eram-lhe intermináveis.

O maldito ralo fazia um barulho de ensurdecer e desde manhãzinha que tinha o estô-

mago a dar horas! Prestamente sacudiu êstes pensamentos egoistas.

Não estava ali defendendo *um bem* da sua dona.

Tinha evitado o borbórinho, afim de que o objecto se não perdesse.

Porém, mal o animalejo se apoderasse da estranha estrelinha, filá-lo-ia imediatamente e em quatro pernadas estaria em casa da patrão.

Cogitando, o tempo passou depressa, e novamente *nuvens* de ázitas reapareceram.

Três formigueiros sem fim, compareceram, acarreando com elas o sobre natural raiozinho de sol!

—«Venham os alvitres» regougou o ralo.

Um grupo de lindas borboletas apresentou-se perante o jury, balbuciando receosas:

—«Entendemos que o raio de sol deve ficar guardado numa flôr de corola apertada e cujo caule seja muito alto e livre de pelos.»

«Fóra, fóra, toleironas» protestaram as cigarras e os grilos.

Coube a vez às formigas.

—«Crêmos ser de grande utilidade colocar o raio solar longe das nossas creches, não vá êle queimar os nossos ovos e as nossas larvas.»

—«Não é mal dito, murmuram as abelhas, pensando nas suas numerosas proles.

Súbito, ouviu-se um zum-zum de admiração. O nosso



homem, digo o nosso ralo, ia falar. Grande sentença por certo!

A rebentar de vaidade, disse:

— «Posso, satisfeito, gritar Eureka! (achei).»

E respirou tão fortemente que as asas vibraram no seu emburrativo zi-zü.

— «A minha descoberta interessa a todos geralmenfe.»

«Só os idiotas a não alcançarão.»

«Por certo nunca reparastes como para branquear as roupas as nossas lavadeiras as emergem num líquido leitoso?»

Mas eu que estudo e aprendo, adivinhei.

Está além um tanquezinho cheio desse líquido, que alguma económica repari-ga utilizará amanhã.

Pois bem!

Corramos antes dela! Todos que estão descontentes com as suas asas negras, banhem-se ali!

Saião branquinhas como a neve! Clarinhas como as mais lindas borboletas ou as mais delicadas libelinhas!»

Semelhante revelação era realmente prodigiosa! E uma ovação estrondosa vibrou no ar.

Entretanto, cautelosas e desconfiadas, aventaram as moscas:

«Tomemos, todavia, garantias; tomemos precauções.»

— «Tólos! o u sam contradizer-me?» cochichou para o júri o enfa-tuado ralo!

Para não haver guerra, deliberou-se guardar o raio solar nos juncas do rio sob a vigilância dum terrível exercito de mosquitos. E o ralo acompanhá-los ia à experiência. Formigas, abelhas, carochas, besouros, mesmo algumas encantadoras borbolêtas castanhas, tudo marchou para o tanque milagroso!

Encantava-os a idéa!

O Saloio subiu a um salgueiro cujos ramos beijavam o rio. Dali não perderia de vista o tesouro da sua dona!

Imbecis! Vão mergulhar no cloreto! Eles saberão como lhes vai custar cara a brincadeira!

— «Uma, duas, três!» — Contou o ralo.

Multidões de insectos tombaram no tanquezinho! Ai deles! Queimados, cegos, asfixiados, execraram o maldito ralo. Os restantes caíram sobre ele e tanta pancada lhe deram que rebentaram. Ao sussurro espantoso acorreram os mosquitos e um pato bravo que de longe namorava a scintilação maravilhosa do brilhante nadou rapidamente até perto do juncal, engulindo a joia dum só trago.

O rafeiro saltou sobre êle, matando-o.

— «Se os camponeses me encontram com êste petisco nos dentes, sovam-me e arrancam-me a presa» — pensou prudentemente o animal. Escondeu-se, permanecendo ali até que em redor tudo era silêncio e paz.

Por muito tempo escutou um zumbir feroz. Os insectos guerrearam-se ferozmente.

— «Deixá-los, rosnou filosoficamente o cão. Para que demónio queriam êles decifrar as coisas dos homens? Se isto é sol ou estrela, pouco me importa! O que pretendo é defender corajosamente a minha dona.»

Souo ao longe a meia-noite. O Saloio pôs-se a caminho.



Ao chegar a casa ladrou fortemente. Acordou a Ermelinda que veio junto dêle com a candeia acesa. Nada compreendera, contemplando o pato com o peito esfarrapado, mas fixando o papo, respirou livremente, vendo na moela da ave-sinha a sua tão desejada joia. Louvou a Deus e abraçou o cão que ingenuamente julgou que a dona entendera a longa história, que seus olhos meigos contavam.

Mal o sol rompeu, correu Ermelinda à cidade a entregar o brilhante. Valeu-lhe uma bela recompensa, porém, mal sabiam os senhores Condes porque ela passara.

Modestamente tudo calou. E quando o pato foi cosinhado o Saloio regalou-se com uma bela perna. Bem a merecia!

Aprendamos a ser honestos como a lavadeira, a fugir dos falsos sábios parlapatões, a trabalharmos com paciência e prudentemente, pois assim tudo se alcança.

Que o diga o «Salóio» quando nostalgicamente, com seus olhos meigos e piscos, perscruta a campina inteira!

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

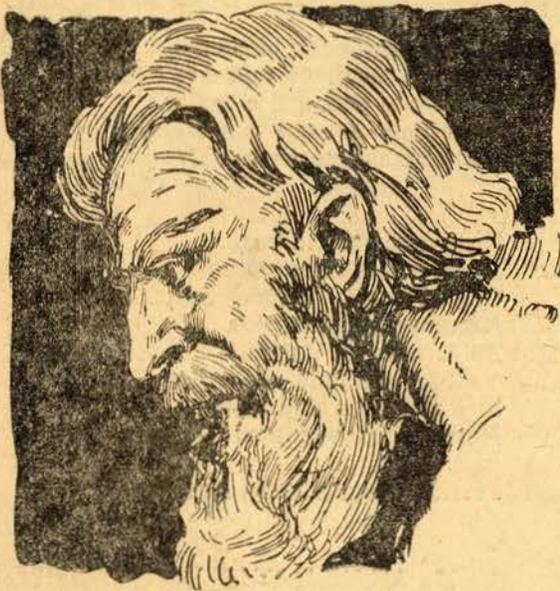
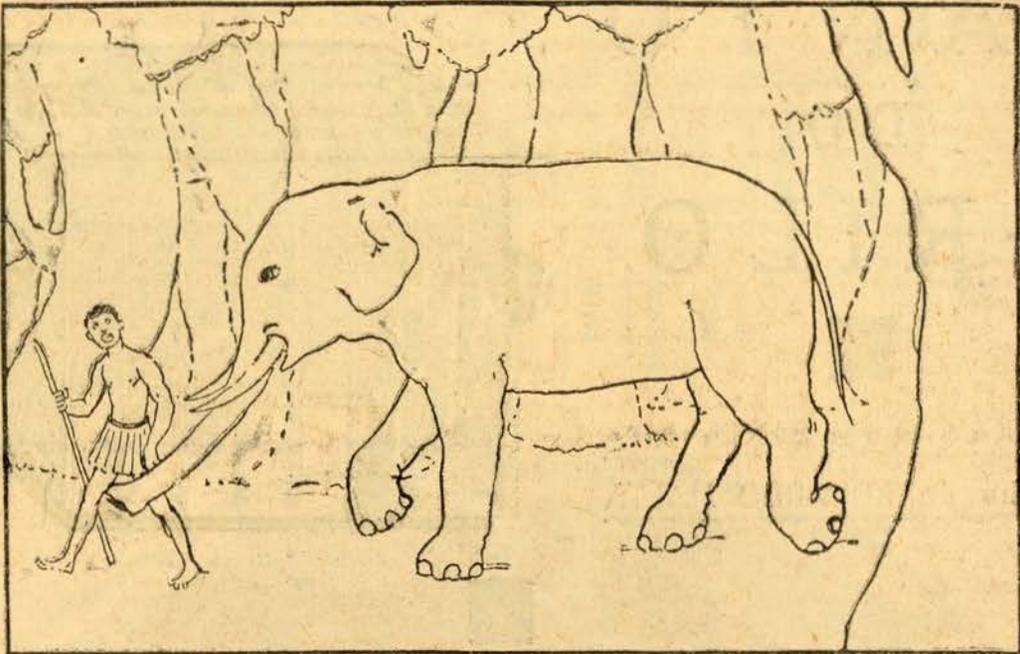
Já se encontra à venda o VIII volume, intitulado

## Bébés de Bibe e Babette

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de EDUARDO MALTA

# Lição de Desenho



Meus meninos;

Este é um dos apóstolos de Cristo, que está scismando em seu divino Mestre. Vejam se nele descobrem a imagem do sagrado Mes-sias.



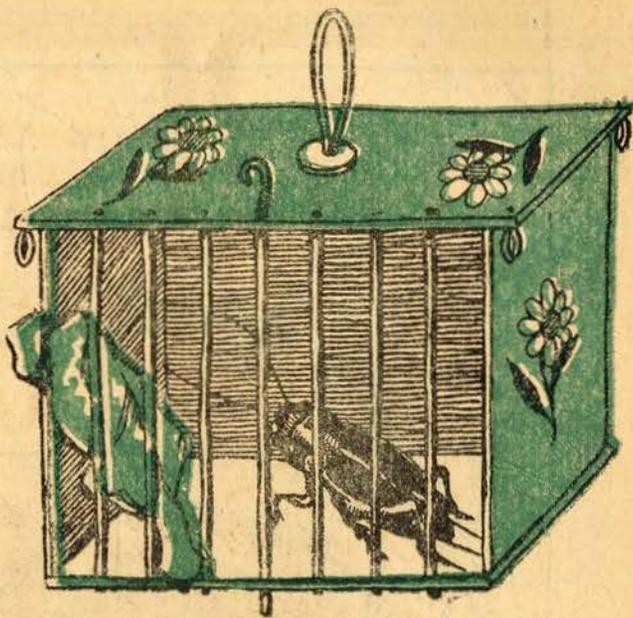
Meninos:  
Vejam se descobrem para quem se está a rir esta vendedeira.

# O CANTO DO GRILO



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de EDUARDO MALTA



**A**o voltar  
Da sua escola,  
O pequenino Camilo,  
A saltitar  
De alegria,  
A uma lojeca de esquina,  
Foi comprar  
Uma gaiola  
Pequenina,  
Com um pequenino grilo.

Para Camilo  
Era aquilo  
A melhor coisa que havia!

Vê-lo, ouvi-lo...  
Escutar  
O seu cantar:  
—Cri-cri-cri...  
—Cri-cri-cri!...  
(Voz de Silêncio e Soidão)  
Para o nosso pequenito  
Era um prazer infinito.  
Era um imenso alegria!

Mas o minúsculo  
Grilo  
—(Coitadinho!)—  
Saudoso da solidão

E paz do érmo ao crepúsculo,  
Continuava baixinho:  
—Cri-cri-cri...  
—Cri-cri-cri!...!

Porém, num dado momento,  
Põe-se o menino a scismar:  
—«Porque será que o cantar  
Dum grilo é como um lamento  
Tão cheinho de tristeza?!»

Nisto uma secreta voz.  
Duma oculta natureza  
Que há dentro de todos nós,  
Murmura, segreda, reza  
Ao coração de Camilo:  
—E' porque tudo que existe,  
Seja alegre ou seja triste,  
Mesmo sem voz nem garganta,  
Fala, canta,  
Por tudo quanto murmura!

Na voz dum grilo  
A chorar,  
A voz do campo ressôa...  
Tal como num búzio ecôa  
A voz eterna do Mar!

F I M